O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

ANO 35.º — Sábado, 6 de Fevereiro de 1943 — N.º 1770

VISADO PELA CENSURA

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda, 21
Comp. e imp.—IMPRENSA UNIVERSAL
R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto Agência Havas

Prossigamos!

O espírito de sacrifício e o esfôrço heróico são cadinhos em que se caldeia a destino das raças.

Sem tradição e sem sentido de continuïdade, os povos transformam-se numa amalgama inconsistente, partida aqui ou ali pelo entrechoque de sangues desirmanados.

Dêsse tumultuar de sentimento e paixões, de ideais sem passado nem presente, o significado Pátria nasce torcido na forma, cariado no conceito, falho de beleza e intenção.

Raças sem tronco único a brotar enraízado da Terra-Mãe, são nómadas na comunidade grandiosa dos povos, herdeiros de tradições.

Sem ouvirem dentro de si próprios —porque não podem—a voz ancestral de seus maiores, êstes nómadas da comunidade dos povos-herdados *sentem a pátria* onde quer que morem ou vão de visita.

Para êles, as fronteiras não dividem nações; as raças não constituem famílias.

Para êles ainda, a terra é semelhante à superfície uniforme dos mares altos, que se cruza em tôdas as direcções sem licença pedida ou cumprimento de cortezia.

A única razão forte que pode impedir-lhes a passagem e o direito herdado — vínculo nobiliárquico dos povos que, olhando para trás, deparam sempre com o imperativo de seus maiores: defendam o que nós fizemos!

Nacionalista, no significado altíssimo do têrmo, o povo português encarna, como poucos, essa missão herdada.

Hoje, que o vendaval de desmandos e ambições varre a humanidade, demos todos sinal de presença—sinal firme e sincero—aos nossos Mortos de antanho, aquêles que fundaram a Casa Lusitana d'áquem e d'álem mar.

VISITA

Deu-nos a honra de vir à nossa Redacção para agradecer os cumprimentos que lhe dirigimos ao assumir as funções de chefe do pôsto aduaneiro desta cidade, o sr. dr. Manuel Ribeiro da Costa, que, sendo natural de Viana do Castelo, terra a que andamos ligados por estreitos laços duma amizade sem limites, conta cá em casa com as mesmas simpatias de que gozam os seus conterrâneos, não tendo, por isso, nada que nos agradecer. O que estimaremos é que o sr. dr. Ribeiro da Costa, que também é médico muito distinto, entre nós se demore e encontre no nosso povo aquela afabilidade que tanto caracteriza os vianenses, tornando-nos cada vez mais amigos.

Tabuleta ao natural...

Na Inglaterra, sôbre a porta de uma locanda de província, denominada *Estalagem da Colmeia*, há realmente uma colmeia a valer, com as abelhas entrando, saindo e fazendo o mel. Será talvez esta a única tabuleta *ao vivo* que existe em todo o mundo.

O "Santa Joana,,

Entrou na terça-feira a barra do Pôrto com um carregamento de 1.198 toneladas de bacalhau, o lugre-motor da Empreza de Pesca de Aveiro, L.da. Fêz magnífica viagem.

EXPRESSÕES EXPRESSIVAS...

Um dia dêstes estivemos no Pôrto; e ao passar por uma montra onde se expunham umas figurinhas de barro, realmente dignas de serem admiradas, dum grupo de três mirones *dernier cri* saiu o seguinte comentário:

—Êstes gajos estelisam bestialmente bem!

Lapidar. Como manifestação de cultura moderna...

Luzes nos carros

A Câmara de Lisboa determinou que, em virtude de não haver petróleo nem velas, os veículos de carga, de tracção animal, transitem de noite mesmo sem luzes.

Pelas mesmas razões, porque não se há-de estender tal determinação ao resto do país?

O Mercado

Há uns poucos de anos que começou a construir-se e ainda se não sabe quando será inaugurado!

Paciência. O remédio é esperar...

Cartas a uma amiga de longe

Fevereiro, 1943

Minha querida:

Venho escrever-te esta semana ainda sob a acção dum «grande susto». Estava muito tranqüilamente no meu quarto e de-repente sinto num dos vidros da janela um ruído, vibrante e rápido. E talvez porque estamos em regimen de guerra, supuz que fôsse uma bala e puz-me a fantasiar coisas diabólicas, enquanto, muito atenta, estudava o buraquito que o suposto projéctil tinha deixado no vidro. Desci para contar a *tragédia* e em baixo puderam logo dar-me a explicação dela. Havia uma grande temporada que à hora da saída das escolas ninguém aqui da casa podia aventurar-se a dar uma volta pelo jardim, porque a garotada, para *brincar*, apostou em rachar-nos a cabeça! Atirava pedras enormes cá para dentro e quando as não tinha à mão iam mesmo os seixos. E foi uma pedrinha dessas, pequena e redonda, que atingiu o vidro da minha janela.

Mas, por acaso, vim a saber, que não só estiveram em perigo as nossas cabeças e vidros, mas muitas outras e outros...

Devemos concordar que esta é uma brincadeira muito *divertida* e *interessante*, não achas?... Isto de atirar uma pedra e mandar um desgraçado para o hospital, a cabeça rachada e a escorrer sangue, é uma *brincadeira* que merece aplausos e que peçam *bis* ao menino que cometeu façanha tão cómica... Deve ser assim que pensam os papás da criança, «que não sabe o que faz, coitadinha», pois se um dia o menino é apanhado e lhe dão uma merecidíssima tareia, êles ficam furiosos e dizem que sabem muito bem educar os filhos!...

Com esta bela educação, não admira, pois, que os meninos sejam uns mafarricos terríveis...

A educação dum povo deve ser um dos maiores cuidados, porque representa uma fôrça quási indestrutivel. Na educação das crianças têm as mães um papel importantíssimo, porque *é de pequenino que se torce o pepino* e a criança portuguesa, duma inteligência arguta e desenvolvida, assimila com a mesma facilidade o bem e o mal. Seres perfeitos fìsicamente e moralmente desgraçadas criaturas, é de lamentar. Mas não achas que esta má educação dos nossos garotos é um pouco motivada pela nossa exagerada, quási doentia, sensibilidade?

Temos de ser mais enérgicas, talvez. Lá bater, não, embora algumas vezes um bofetão a tempo seja muito «salutar», mas contrariar a vontade da criança, que ordinàriamente tem tendência para o mal, deve dar resultado. Experimentando, talvez a minha cabeça seja poupada às pedras dos garotos e os vidros da janela quebrassem menos...

Um abraço da

Zèmi

Taxa militar

Deve ser paga até o último dia do corrente mês, porque, passando, é cobrada pelo dôbro.

Não haja esquecimento.

INFORMAÇÃO

Pelo Secretariado da Propaganda Nacional foi-nos comunicado, esta semana, o seguinte:

No seu número de 19 de Dezembro último, o jornal *O Democrata*, que se publica em Aveiro, alude à necessidade de se substituir um poste situado no passo de nível de Esgueira.

Informa-nos, a-propósito, a Administração Geral dos C. T. T. que, embora o poste em causa não ameace qualquer perigo, far-se-á a sua substituïção oportunamente.

Agradecemos a atenção.

ASSOCIAÇÃO HUMANITÁRIA DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS

Nesta benemérita colectividade realizaram-se também eleições que deram o seguinte resultado:

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente, dr. Alberto Souto; *vice-presidente*, Carlos Aleluia; *1.º secretário*, Albano Henriques Pereira; *2.º*, Jeremias dos Santos Moreira.

CONSELHO FISCAL

Manuel José da Costa Guimarães, tenente Jaime Sabino e Francisco Augusto Duarte.

DIRECÇÃO

Presidente, dr. Humberto Leitão; *secretário*, Augusto de Pinho Varela; *tesoureiro*, João Luís de Rezende Júnior; *vogais*, José Francisco Pereira e José Rodrigues Vieira.

O TEMPO

Continuam os rigores do Inverne se bem que pouco caracterizados de tempestade entre nós.

Se Aveiro é o paraíso que se sabe!...

Justiça completa

Duma crónica da capital:

Evocou-se, há dias, o cinqüentenário da morte de Rosa Araújo, êsse homem ridiculamente obêso, que Bordalo impiedosamente caricaturou, e a cuja persistência deve Lisboa a sua Avenida da Liberdade. Morreu pobre, abandonado, desiludido. Foi, no seu tempo e no seu meio, um Homem. Quando morreu, Lisboa, que o havia abandonado, fez-lhe uma apoteose. Teria valido a pena a êste honrado confeiteiro, o seu sacrifício? Para os outros, valeu a pena; para êle, não. Perdeu o que tinha e só ganhou, em troca, dissabores, arrelias, desgôstos de tôda a ordem. E a miséria. Outros, ter-se-iam *governado*. Êle *desgovernou-se* para que outros se *governassem*. Símbolo de todos os homens bons, generosos, úteis. Agora fazem justiça aos seus méritos. Em vida chamaram-lhe o *Cócó dos bôlos*, ridicularizavam-no, riam-se dêle.

* * *

Veja-se o confronto. O Boulevard Haussmam, deu fortunas. A Avenida Rio Branco, deu fortunas. Que deu ao honestíssimo Rosa Araújo a Avenida da Liberdade?

Lisboa vivia circunscrita ao Rossio e ao Passeio Público. O Passeio Público representava as algemas de Lisboa. Rosa Araújo quebrou as algemas, libertou Lisboa. Sem êle, a cidade não teria hoje os seus bairros modernos, a sua fisionomia de cidade moderna. E veja o leitor a ironia da sua consagração. Pegaram no pobre Rosa Araújo e pregaram com êle num recanto duma rua lateral, como que envergonhados da *honraria* que lhe davam. O homem que rasgara a Avenida, com a sua persistência e o seu dinheiro, não foi digno da *sua* Avenida! Deram-lhe um recanto duma rua transversal.

E' triste, mas é assim.

* * *

A Lisboa de hoje só tinha uma consagração a fazer a Rosa Araújo: tirá-lo do recanto onde o colocou, e pô-lo ali, em plena Avenida, logo à entrada, para que todos vissem e se não esquecessem de que foi a êle que a Avenida de hoje deve a sua existência. Tudo o que não seja isto nem é digno de Lisboa, nem do seu grande amigo do século XIX.

Apoiadíssimo. Justiça completa será essa no dia em que se efectuar a mudança, imposta pela grandiosidade da obra.

Ou das obras, visto Rosa Araújo ter o seu nome ligado a mais algumas, também de vulto, no campo da beneficência.

ESTUDOS REGIONAIS

História da terra aveirense

Geologia do Quaternário

pelo dr. Alberto Souto

XVII

O assunto—*silices utilisados ou intencionalmente lascados pelo Homem terciário no vale do Tejo*—foi de novo tratado, em 1889, no Congresso de Paris por Nery Delgado e em 1905 por José Fortes na Sociedade Pre-histórica de França, mas sem êxito. Em 1925 o sr. dr. Mendes Corrêa fez na mesma região uma larga colheita de pseudo-eólitos incontestàvelmente miocénicos, mas de resultados nulos quanto à sua origem humana.

O ilustre professor fôra chamado a Alemquer para estudar um esqueleto humano aparecido em Vale das Lages, em terreno do mioceno lacustre, restos ossêos que, por momentos, se julgou serem, finalmente, a prova irrefragável, e tanto tempo desejada, da existência do Homem terciário.

Porém verificou-se que se tratava de um enterramento dos tempos do neolítico antigo, comprovado pelos silices de forma trapezoidal e por um machado de pedra pulida que se acharam na mesma jazida.

O sr. dr. Mendes Corrêa não quiz abandonar a região de Ota sem efectuar uma pesquisa que fornecesse pelo menos alguns pseudo-eólitos análogos aos de Ribeiro e Delgado.

O momento era oportuno para uma tal indagação porque acabara de se rasgar uma funda e longa vala para a canalização das águas que seguem para abastecimento de Lisboa.

Apareceram inúmeros pseudo-eólitos, análogos aos de 1880 e muito semelhantes aos descritos por Carlos Ribeiro. Porém as novas descobertas em nada adiantaram a questão.

«Se a contemporaneidade de muitos dêstes pretendidos *eólitos* com os estratos do mioceno lacustre não pode ser posta em dúvida, a questão do seu talhe intencional fica em suspenso, a-pesar-dos conchoides de percussão, da sistemática pequenez dos objectos, da verosimilhança da existência de Hominideos na era terciária etc.» diz o sr. dr. Mendes Corrêa que acrescenta:

«Custará, à primeira vista, mesmo a arqueologos experimentados, admitir a origem acidental e natural das formas liticas descritas, mas cumpre não esquecer que lhes faltam retoques e uma morfologia típica, distinta da dos pseudo-eólitos de Mantes e doutros pontos e, além disso, as peças apresentadas são seleccionadas entre um sem número de silices em que é possível estabelecer uma perfeita transição para uma morfologia indubitàvelmente natural.»

* * *

Já no Congresso de 1880 se opuzera à intencionalidade do lascado dos *eólitos*, a casualidade natural dos turbilhões de águas e das oscilações de temperatura que produzem nos nódulos de pederneira fracturas semelhantes.

As experiências de 1905 em que se obtiveram *eólitos* perfeitos nas trituradoras e nos fornos de cimento, abalaram profundamente a teoria dos eólitos, como disse em artigo anterior.

O Homem terciário foi pôsto de parte pela ciência do tempo, mas nem por isso deixou de ter sequazes e nem por tal deixou de ter verosimil.

A sua hipotese volta agora a admitir-se e a questão parece deixar de ter um interêsse meramente histórico, como teve até há pouco, e tender para se abrirem a seu respeito novas discussões.

No volume IV dos *Anais da Academia Portuguesa da História*, comemorativo dos Centenários de 1940, sôbre o *Páleo e o Mesolítico Português*, os acadêmicos srs. P.e Eugénio Jalhay e Afonso do Paço, dando conta da tendência que assinalo, dizem o seguinte:

«Contudo parece não estar o problema completamente esclarecido, posto que Furon o diga por liquidado depois dos trabalhos de Boule. Falta, é certo, o aparecimento de esqueletos terciários para o confirmar, pois não se podem atribuir a êste período geológico o suiço de Delemont, os italianos de Matera, Castenedolo e Colle del Vento ou o americano de Calaveris. Porém os achados ingleses de Norfolk e Suffolk, de que Reid Moir é defensor, parecem «fazer remontar a antiguidade do homem de uma maneira extraordinária, embora também êsses sejam postos em dúvida por vários pre-historiadores.»

Nada se opõe a que de facto o nosso antepassado pudesse existir neste período.»

E os ilustres autores concluem dizendo que o clima terciário que termina com os gêlos da primeira glaciação quaternária, de tão paradi-

INFIDELIDADE

A sr.ª D. Aurora Jardim Aranha é uma colaboradora do *Jornal de Notícias*, do Pôrto, que tem a seu cargo a secção intitulada—*O meu cantinho*.

Não a lemos sempre. Mas não nos passou despercebido o que sob o título da epígrafe aquela senhora publicou há tempo e que passamos a reproduzir com a devida vénia:

Um jornal francês, num inquérito, faz a escritores e artistas, esta pregunta:

—A mulher infiel é mais culpada do que o homem infiel?

Cada um responde conforme sente ou conforme finge.

A-pesar de estar convencida de que a traição do marido é, quási sempre, o inicio do desmoronamento do lar; a-pesar-de reconhecer que são êles, quási sempre, que matam a ilusão e a ternura da esposa—lealmente, eu acho que a mulher infiel é mais culpada do que o homem infiel.

O homem engana por prúrido de conquista, por jactancia, por desejo—essa doida cegueira que o impele para uma mulher que, passadas horas, esquece. Uma questão fisiológica de que só é culpada a natureza.

Com a mulher, o caso é diferente: para enganar o marido não basta que tenha sido ofendida: é necessário que esteja morto o amor que lhe dedicava—e que ame outro.

Ele engana por animalidade, quási inconscientemente. Ela reflecte e mede as conseqüências—por isso recúa tantas vezes.

O homem vai para a traição com alegria—*mais uma para o «carnet»*...

A mulher tortura-se, hesita, sofre e chora.

E' mais culpada a mulher infiel do que o homem infiel porque, sendo-lhe superior, a si própria se rebaixa, traindo, mentindo. E mentir é sempre descer.

Quando as ofensas maritais são repetidas e lhe transformam a vida num inferno, a mulher segue o caminho lógico: separar-se do marido. E' por isso que todos devem dar instrução às filhas para, no caso de serem infelizes, poderem trabalhar, tornando-se independentes.

As reivindicações femininas, a igualdade de direitos entre homem e mulher, são principalmente de ordem material—no campo amoroso não existem.

Depois da infidelidade do marido, na maior parte das vezes, as coisas compõem-se, a mulher perdôa e o lar conserva-se.

Depois da traição da mulher, o marido é injustamente ridicularizado, a sua vida muda totalmente e o seu lar desfaz-se. Nela é apenas o amor que sofre. Nêle, além do amor-sentimento, sofre o amor-próprio, a dignidade, o preconceito, o respeito à sociedade.

A mulher é mais culpada do que o homem porque é nas suas mãos que está colocada a honorabilidade do lar, o equilíbrio da família, a veneração dos filhos.

Se êles vierem a saber que o pai foi leviano, não têm desgosto nenhum. Com a mãe é diferente: a mãe tem que ser o altar de pureza e consolação, o exemplo que lhes aquece a alma, a luz que lhes ilumina o caminho da vida.

E' preciso que, depois de morta, os filhos possam dizer com os olhos rasos de lágrimas:

—A minha santa Mãe!

Senhora D. Aurora Jardim Aranha: receba, ainda que tarde, os nossos parabens pela maneira como abordou tão melindroso assunto.

E' assim mesmo.

Só temos pena que a sr.ª D. Aurora Jardim se esquecesse de escrever sôbre o resultado do inquérito, que tanto interesse devia ter despertado entre os franceses.

Agradecimento

A família do dr. António Lúcio Vidal agradece, muito reconhecidamente a tôdas as pessoas que se dignaram manifestar-lhe a sua simpatia e se incorporaram no funeral do extinto.

Vagos, 2 de Fevereiro de 1943.

Atenção para a 4.ª página

siaco, *seria até muito propício para o homem.»*

Na introdução que venho fazendo ao estudo do Quaternário regional, o problema é que tem ainda um interesse meramente esclarecedor das grandes questões gerais, porque não houve até hoje lugar a pôr-se a questão dos *eolitos* ou do Homem terciário por quaisquer suspeitas locais da sua existência no território entre o Douro e o Mondego.

No entanto a questão poderia surgir entre nós se no interior dos terrenos até hoje considerados pliocenes—que são muito vastos a oeste e sul do segmento inferior do Vouga, surgisse, com visos de autenticidade, qualquer pedra utilizada ou lascada, eólito ou instrumento lítico.

A hipótese lembrada serve para observar aos leitores que—permita-se-me a expressão—o assunto se aproxima do terreno cuja história geológica é o objecto desta modesta tentativa.

Grémio do Comércio do Concelho de Aveiro

Foram eleitos a semana passada, neste Grémio, os novos corpos gerentes para o biénio 1943-1944, apurando-se o seguinte resultado:

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente, João Ferreira de Macedo; *1.º secretário*, Orlando Moreira Trindade; *2.º*, Carlos Matos Souto.

DIRECÇÃO

Presidente, Ulisses Pereira; *1.º secretário*, Armindo Neves Deus; *2.º*, dr. Domingos Vicente Ferreira.

Ulisses Pereira, que vive há muitos anos em Aveiro, é um comerciante dos mais activos da cidade, tendo-se imposto pela sua integridade de carácter e por outras qualidades à gente da nossa terra onde é assaz conhecido. Foi êle quem organizou o Grémio e por isso a eleição, de que resulta continuar na presidência, julgamo-la, para todos os efeitos, um voto de confiança.

Oxalá Ulisses Pereira e os seus colegas, a quem felicitamos, consigam, no difícil momento que atravessamos, abastecer o mercado com todos os géneros indispensáveis á vida, de modo a tornarem-se dignos do reconhecimento de quantos esperam êsse benefício.

A BEM DA GLEBA!

Para se tornar a gleba em terra ubérrima, é necessário proporcionar-lhe todos os atributos precisos a uma vida sàdia e forte.

Se o lavrador deixa aos acasos do tempo a tarefa dos adubos, confiado, apenas, na acção da natureza, os terrenos de cultura acionam anèmicamente, porque lhes falta o *sangue*—fonte principal da vida.

E' preciso, portanto, auscultar o chão, ampará-lo e fortalecê-lo no período anterior àquêle em que a semente descerá à terra, para os trabalhos da fecundação.

Os adubos químicos estavam satisfatòriamente aceites como melhores elementos de saúde das terras cultivadas.

Mas a situação nascida da época anormal que atravessamos, embaraça, sobremaneira, a importação dos ingredientes indispensáveis ao bom cozimento dêsses adubos.

Por isso, socorramo-nos dos fertilizantes naturais—e tantos são!—que se torna difícil enumerá-los de vez.

Tem de ser. Para bem de todos.

Aos nossos assinantes

Pedimos o favor de não deixarem devolver os recibos apresentados pelo correio, tendo em atenção o aumento de despeza que isso nos acarreta e bem assim o trabalho administrativo do jornal, que não é pequeno.

Agradecemos.

Crónica alfacinha

SONHOS

O sonho é ilusão. E' êsse réptil venenoso que acalentamos e depois mordendo a nossa alma a deixa para sempre empeçonhada. E' o castelo de cartas que a rir construímos na areia dourada, mas que a onda de espuma num momento faz ruir. São faunos que nos espreitam, brincando com a nossa ingenuidade.

Ilusão, não é mais que êsse sonho belo que nos enche a alma, que nos alimenta a vida; é o beijo venenoso que sugamos com prazer; é a dôr que nos esfacela o coração mas que procuramos conservar dentro de nós. E' o demónio negro e horrendo que vemos em forma de anjo loiro.

Sonhar! Idealizar! Como é belo fantaziar loucuras!

E' viver no paraíso onde desabrocham as mais variadas flôres da quimera!

E' morar num lugar encantado onde travessos duendes nos embalam em leitos de papoulas e mal-me-queres.

O sonho, é êsse rei belo e altivo sentado em trono dourado, vestido de côres suaves, coroado de pérolas brancas, cercado de rosas frêscas.

Ah! Mas êsse rei quando fatigado de muito escutar aponta-nos a porta de cristal por onde devemos sair. E que encontramos então cá fora? A realidade. O despertar. Um caminho de cardos e de espinhos; ouvimos o bramir da tempestade; dilaceramos o peito nas flexas envenenadas que nos atiram; adejam em volta de nós todos os males saídos da bocêta de Pandora e quanto mais tínhamos sonhado, quanto mais tínhamos idealizado mais angústia sentimos ao caminho da realidade, melhor conhecemos os tormentos de que a vida é feita.

Então queremos fugir e corremos, mas atrás de nós correm as desilusões velozmente e quando para acalmar o mal levamos à bôca a taça do esquecimento, sentimo-nos atraidos novamente para outro sonho, para outra ilusão, e lá vamos correndo sempre para abraçar essa nova felicidade que, afinal, também um dia se esvai como a primeira.

Mas quem há entre nós que não tenha sonhado algum dia?

Quem há que tenha sepultado para sempre no cemitério do olvido essa flôr de mancenilha?

Nunca alguém o poderá fazer porque a vida é uma sucessão de sonhos, uns mais dôces e longos do que outros, mas que tem todos a mesma significação: mentira, falsidade...

Lisboa, 2-2-943

de Palermo

Benemerência

Damos a seguir a relação dos pobres contemplados por êste jornal em comemoração das vítimas da revolta do Porto e cujas importâncias somam os 200$00 que retirámos do mealheiro.

Com 5$00: Margarida Raposo, Rua da Corredoura; Maria José de Lemos, R. das Olarias; Angelina Galega, R. da Fonte Nova; Maritana da Costa, R. da Pêga; Carolina Pádua, R. do Vento; Joana Mofa, R. do Carril; Ludovina Pereira, R. de S. Martinho; Ana Faustina, idem; Jerónimo Marques de Carvalho, idem; Conceição Tainha, R. da Granja; João Maria Pinho Vinagre, R. de Sá; Aurea de Lemos, idem; Maria dos Anjos, R. do Gravito; António Pinho das Neves, R. de S. Roque; Carlos Rebelo, R. do Norte e Genoveva da Conceição Pereira, idem.

Com 10$00: Georgina Correia Romão, R. de S. Roque; Maria do Ginásio, R. dos Tavares; Pedro de Sousa, R. de Santo António; Zulmira Ramusga, R. de Sá; Maria da Luz Pinho, idem; Luisa Peixinho, R. da Granja; Margarida de Matos, R. da Sé; Adelaide Vilaça, R. de S. Martinho; Maria Rosa Duarte, idem; António Cunha e uma envergonhada.

Novas moedas

Para de certo modo facilitar os trocos, o Govêrno mandou cunhar mais moedas de 10 e 20 centavos, que circularão juntamente com as antigas. Mas, ao contrário destas, não têm serrilhas.

Baile

Realizou-se o que estava anunciado para sábado, no *Club dos Galitos*, que regorgitou de pares dançantes, tornando o ambiente alacre e perfumado.

O elemento feminino esteve bem representado, destacando-se a fina flôr das nossas tricaninhas, que acorreram a dar o seu concurso à primeira diversão do ano que se levava a efeito naquele Club.

Veio abrilhantá-la a *Orquestra Palácio*, de Espinho, que deixou a assistência bem impressionada pela maneira como executou o seu reportório e pela impecável apresentação dos seus componentes.

Por tudo, o *Baile dos 43*, satisfez...

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

Notas Mundanas

Aniversários

Fez anos, no dia 3, a inocente Fernanda Emília, filha do sr. Américo Carvalho da Silva; e ontem o sr. Marcelino Gonzalez Peña, actualmente em Almonster; hoje, fazem, a sr.ª D. Maria dos Prazeres Gomes de Moura Ferreira, esposa do sr. António Vicente Ferreira, tesoureiro da Câmara Municipal, e a interessante Maria Cesarina, filha do industrial sr. José dos Reis; àmanhã, o sr. Hermenigildo Meireles e a esposa do sr. Francisco dos Santos Silva, ausente no Rio de Janeiro (E. U. do Brasil); no dia 8, a galante Maria Manuela de Pinho Cabrita, filha do sr. Artur Martins Cabrita, funcionário da Direcção de Estradas do Distrito; em 11, a menina Julia Marques Mendes, irmã do sr. Carlos Mendes, do Jardim das Modas, a esposa do sr. Manuel Nunes Ramos, professor em Ilhavo, e os srs. dr. Manuel Rodrigues da Cruz e António Simões Cruz, sócio dos Armazens de Aveiro, L.da, e em 12, a gentil Maria Luisa Paula dos Santos, filha do sr. Luís Paula dos Santos, actualmente em Malange (Angola) e o sr. Francisco das Neves Vieira, 2.º sargento de Cavalaria 5.

Casamentos

Na Vila da Feira efectuou-se no último sábado o enlace da sr.ª D. Branca Ofélia Lopes de Carvalho e Silva, prendada e gentil filha do nosso amigo e antigo condiscípulo no Liceu desta cidade, Henrique Silva e de sua esposa a sr.ª D. Glória de Carvalho e Silva, com o sr. Américo Alves Dias, comerciante em Matozinhos.

A cerimónia foi celebrada na igreja de Espargos, onde a noiva tinha sido batisada, pelo rev.º Manuel André Baturão, que fez uma comovente alocução, tocando ao órgão o distinto pianista de Espinho, sr. Fausto Neves.

Em seguida, a comitiva partiu para Ovar onde, na residência dos pais da noiva, foi servido um fino copo de água, findo o qual os nubentes partiram, em viagem de núpcias, para a capital.

A corbeille achava-se guarnecida de lindas e variadas prendas.

Com os nossos parabens aos recem-casados, muito estimamos que a felicidade os bafeje.

Partidas e Chegadas

Estiveram nesta cidade os srs. dr. Augusto de Mendonça Sá Osório e esposa, a nossa conterrânea sr.ª D. Maria Ermelinda de Melo Picado, residentes na Póvoa de Lankoso; João Godinho de Almeida, empregado no Banco Borges & Irmão, do Porto; Nuno Meireles, da firma Ferreirinhas & Meireles, da mesma cidade; Manuel Simões Carrelo Júnior, de Cacia, e Artur Calisto, aluno da E. C. S. de Agueda.

—Fixou de novo residência em Aveiro, o nosso conterrâneo José Gonçalves da Graça, que durante alguns anos viveu em Elvas.

Doentes

Tendo adoecido há meses, encontra-se em tratamento no Hospital Militar da Estrela, o nosso presado amigo, tenente João Pereira dos Santos, que nesta cidade, onde conta inúmeras dedicações, chefiou a extinta Banda de Infantaria 19.

Sentindo a doença que apoquenta o brioso oficial, fazemos sinceros votos pelo seu completo restabelecimento.

Carta de Lisboa

O Mártir do Maduré

Passou há pouco o 250.º aniversário da morte do beato João de Brito, o Mártir do Maduré.

Dois séculos e meio vão decorridos sôbre êsse dia 4 de Fevereiro de 1693 em que, numa colina sobranceira à cidade indiana de Urgur, foi escrita uma das mais belas páginas da nossa epopeia missionária: o martírio daquêle que às grandezas da Côrte onde tinha lugar por direito próprio, preferiu as inclemências das paragens indianas para onde foi à conquista de almas para Deus, a-fim-de dilatar a Fé e o Império.

João de Brito é, na sua vida de sacrifício, que êle tão bem soube coroar com o martírio heróico, a melhor e mais bela legenda de tôda a nossa acção missionária através do Mundo.

Recordá-lo, apontá-lo como exemplo digno de ser seguido é ainda continuar de algum modo essa obra gigantesca e ao mesmo tempo maravilhosa em que tantos e tantos deram a vida para maior glória de Deus, da Pátria e das almas.

Pinto Correia

Lisboa recebeu com a mais compreensível consternação a notícia da morte, em A'frica, do capitão Armando Pinto Correia, inspector colonial presentemente exercendo as funções de Governador interino da Província de Zambézia.

Alma gentil de patriota, português de lei, dos que melhor souberam sempre sê-lo, Pinto Correia é dos grandes nomes da Revolução Nacional, dos que melhor contribuiram para o advento e vitória dela. A sua acção decidida e patriótica foi, em muitos aspectos e ocasiões, causa de não ficarem, senão perdidos, pelo menos gravemente comprometidos os trabalhos revolucionários.

Na hora da arrancada em Braga foi ainda êle dos que melhor e mais patriòticamente contribuiram para o triunfo decisivo do movimento salvador do Exército.

A Revolução continua

A fixação dos ordenados mínimos dos jornalistas recentemente feita, veio mais uma vez provar o interêsse que o Govêrno põe na solução de todos os problemas que interessam às classes trabalhadoras.

Sem curar de categorias ou qualidades de pessoas o Estado Novo procura cada vez mais interessadamente, nunca se deve esquecê-lo, resolver tanto quanto lhe é possível a situação de todos que trabalham e do seu trabalho vivem.

CORDEIRO GOMES

A' MARGEM DA GUERRA

NORUEGUESES QUE ESCAPARAM DA SUA PÁTRIA E VÃO APRESENTAR-SE AO SEU REI

NECROLOGIA

Não podendo resistir ao sofrimento e depois de empregados todos os esforços para o arrancar à Morte, que de perto o espreitava, exalou o derradeiro alento na madrugada do último sábado, com 18 anos, apenas, o estudante João Carlos Salgueiro Lopes, que, como dissemos, havia sido operado no Hospital do Carmo, do Porto, onde estivera em tratamento.

Filho único do sr. Pedro Grangeon Ribeiro Lopes, que entre nós goza da maior estima e consideração, assim como sua esposa a sr.ª D. Maria Alda de Campos Salgueiro Lopes, avaliamos do desgôsto causado pelo triste desenlace, que os abalou profundamente e também ao tio do desventurado moço, sr. Egas da Silva Salgueiro e restante família.

O entêrro, efectuado no mesmo dia, de tarde, para o cemitério central, foi uma comovedora manifestação de pesar e de saudade, tal a sua grandiosidade de pessoas de tôdas as categorias sociais visto terem sido inúmeras as que nela tomaram parte, levando a chave da urna o sr. Ernani Henriques Salgueiro.

* * *

Também já não pertence ao número dos vivos por uma bronco-pneumonia o ter atirado para a sepultura, aquêle tipo popular, conhecido em tôda a cidade pelo *Fafe*, por ser natural da ridente vila minhota.

Manuel Fernandes, seu nome próprio, era viuvo e tinha 58 anos. Além de trabalhar com perfeição na arte de sapateiro, que escolhera em novo, tinha certa habilidade para fazer gaiolas, o que o tornou também conhecido dos passarinheiros.

Apaixonado pela música, tocava violino nas horas de ócio e como era apreciador do sumo da uva, não havia quem o desbancasse quando, inspirado nêle, fazia vibrar as cordas do instrumento.

Já lá está do outro lado, deixando dois filhos, que, a-pesar-de ausentes, nunca esqueceram o seu progenitor e aqui vieram dizer-lhe o último adeus.

* * *

Vitimado por uma hemorragia cerebral morreu na segunda-feira e foi sepultado na terça, o cabo da P. S. P. reformado, Paulo Ferreira Lopes, que deixou viuva, sem filhos.

Contava 63 anos, tendo-o acompanhado à última morada alguns colegas, um piquete da Companhia V. S. P. Guilherme G. Fernandes e outras pessoas da sua intimidade.

* * *

Com intervalo de algumas horas, deixaram o mundo, no domingo, a menina Maria Tereza Ferreira Vinagre, de 9 anos, e seu irmão Manuel Ferreira Vinagre, com perto de 2.

Eram ambos filhos de José Ferreira Vinagre, antigo guarda-rêdes do *Sport Club Beira-Mar*, tendo sido sepultados no cemitério novo.

* * *

Em Vagos, faleceu a semana passada, com 78 anos, o conhecido músico, Berardo Pinto Camelo, que foi regente da banda da Fábrica da Vista-Alegre e chefiava ùltimamente a da vila onde residia. Desde muito novo que se apaixonou pela divina arte, à qual se dedicou com entusiásmo a ponto de criar muitos prosélitos.

Deixa várias composições da sua autoria, tendo o seu entêrro constituido uma grande demonstração de apreço pelos méritos revelados.

* * *

No Pinheiro da Bemposta, deixou de existir, com a idade avançada de 89 anos, a madrasta e tia do sr. dr. José Pereira Tavares, ilustre Reitor do nosso Liceu, que por êsse motivo se encontra de luto.

Aquela velhinha, que o guiou nos primeiros passos, era venerada, como uma relíquia, pelo considerado professor, que por isso muito sentiu o seu desaparecimento de sôbre a terra.

Em camioneta, partiram, para ali a-fim-de se incorporarem no funeral, professores, alunos, filiados da M. P., com as respectivas bandeiras, e empregados do nosso Liceu, o que constituiu mais uma prova da alta consideração e estima de que goza o digno Reitor.

* * *

Em Lisboa finou-se ante-ontem o sr. dr. Vasco de Quevedo, natural de Viseu e antigo governador civil do nosso distrito.

Os nossos pêsames às famílias enlutadas.

* * *

Faleceram mais: nesta cidade, José André Travesso, viuvo, de 90 anos; em *Vilar*, Alexandre Simões Margaço, viuvo, de 94, e na *Quinta do Picado*, Rosa de Jesus Balseiro, viuva, de 80.

Turismo — Indústria Nacionalista

O turismo é, de facto, como definiu António Ferro, indústria nacionalista por excelência.

Para poderem usufruir dos seus benefícios, têm de valorizar-se, primeiro, as regiões. E do conjunto dêsses melhoramentos — superiormente orientados e obedecendo a um plano que tenha em linha de conta, a-par da missão renovadora, fiel respeito pela tradição e características locais — resulta, necessàriamente, uma expressão de beleza e de comodidade, de civilização e de pitoresco, reflectidos na paisagem, na construção, nos transportes, nos trajos, nas próprias ementas dos hoteis — em todos os elementos estáticos e dinâmicos de uma das mais nobres indústrias — o turismo.

Portugal votou-se-lhe um dia, sob a égide do Estado Novo. E — vencendo, mesmo, as dificuldades ocasionadas pela situação internacional — muitos padrões de bom gôsto e de progresso atestam já o nível de tão útil actividade.

Estímulos não faltam. O S. P. N., com os concursos das monografias e das estações floridas — entre tantas outras iniciativas — impulsiona a nova indústria, convertida logo de início — e muito bem — em indústria nacionalista por excelência.

Em Angola — vão florir também as estações de caminho de ferro, valorizar também o sediço ramerrão de pensões e hoteis. Assim, demonstrando as colónias bom aproveitamento quanto às lições pelo continente dadas em tal matéria — passa a ser um serviço imperial qualquer bom serviço prestado à causa do Turismo.

A quem viaja

—o—

Pela Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses foi incluido na Tarifa Geral o seguinte, que veda aos passageiros:

Entrar ou sair da carruagem pelo lado oposto ao da plataforma em que fôr feito o serviço do comboio; passar de uma para outra carruagem quando não haja para isso comunicação própria entre elas, ou debruçar-se das janelas durante a marcha; entrar ou sair das carruagens, a não ser nas estações ou apeadeiros e depois do combóio estar completamente parado; subir ou tentar subir aos estribos das carruagens depois de ser dado o sinal de partida; fumar nas carruagens em que vão pessoas a quem o fumo incomode; vender quaisquer artigos, sem autorização das Emprêsas; exercer ou tentar exercer a mendicidade ou angariar donativos por qualquer meio e sob qualquer pretexto (música, canto, distribuição de postais, etc.); praticar quaisquer jogos ou actos que perturbem a boa ordem dos serviços ferroviários ou incomodem os passageiros; cuspir nas carruagens ou lançar nelas quaisquer detritos ou objectos que as sujem ou deteriorem; colocar malas ou outros volumes pesados sôbre os bancos das carruagens ou os pés directamente sôbre os estofos, ou colocar quaisquer objectos em lugar que não pertença ao passageiro; arremessar das carruagens quaisquer objectos que possam causar dano; abrir as janelas quando haja reclamação de outros passageiros; transitar a pé pelas linhas sem licença especial concedida pelas Emprêsas.

Um esclarecimento

Da Direcção da Casa do Povo, da próxima freguesia de Aradas recebemos o que segue:

Ex.mo Sr. Director de *O Democrata*:

Esclarecendo a local publicada no número de 30 de Janeiro passado do jornal que V. Ex.ª proficientemente dirige, a direcção da Casa do Povo de Aradas acha-se na obrigação de expôr o seguinte:

1.º — Não é esta instituição um organismo de coordenação económica, como, certamente por lapso, naquela local se dizia, porque não visa à administração pública do Estado, mas é sim um organismo corporativo, embora de feição autónoma;

2.º — As quotas não foram fixadas arbitràriamente, mas resultaram de um acôrdo colectivo feito em 18 de Dezembro de 1942 entre o Grémio da Lavoura de Aveiro e Ilhavo, em representação dos produtores e proprietários agrícolas, e a Casa do Povo, em representação dos trabalhadores rurais;

3.º — As quotas não são, em princípio, excessivas porque são proporcionadas às possibilidades reais de quem paga e às necessidades do organismo da realização de proveitosa acção social.

Está orçada em 20.160$00 a importância a dispender com o subsídio a conceder a vinte inválidos da freguesia, da qual 60 % será satisfeita pelo Estado e 40 % preenchida pelas receitas da Casa do Povo.

A despesa com assistência médica, subsídio por doença e por morte está orçada em 12.050$00, para cuja satisfação parcial esta Casa do Povo já recebeu do Estado 4.000$00.

Igualmente está prevista a importância de 1.050$00 a ser dispendida com a colónia de férias para crianças filhas de sócios efectivos, a que o médico reconheça necessidade imperiosa de ares de mar ou de serra.

Assim, a direcção dêste organismo julga ter esclarecido suficientemente o solícito autor da notícia e elucidado os seus leitores.

A DIRECÇÃO

Agradecimento

Os filhos do falecido Manuel Fernandes agradecem reconhecidamente a tôdas as pessoas que acompanharam o extinto à última morada.

Deodoro Fernandes

Júlio Fernandes

Atenção para a 4.ª página

«O Democrata»

ASSINATURAS

(Pagamento adiantado)

Portugal (Ano)	30$00
Semestre	15$00
Colónias (Ano)	30$00
Estrangeiro (Ano)	40$00
Número avulso	$60

ANÚNCIOS

Mais duma publicação, contrato especial.

Correspondências

Esgueira, 1

Como dissemos, está para breve a inauguração da Casa do Povo desta freguesia.

Encontra-se já elaborado o orçamento ordinário para o corrente ano económico cujo resumo dos subsidios de assistência, é o seguinte: por doença 6.142$40; por morte 1.800$00; por invalidez 20.130$00; nascimento de filho 1.200$00; medicamentos 3.500$00; e colónia de férias das crianças 1.200$00.

Por estas verbas, que somam 33.972$40, se verifica a vantagem de tão útil Instituïção, no meio rural, que até aqui viveu num estado de abandono e que, graças a essa Instituïção, vê florescer, no horizonte das suas possibilidades, uma acção de progresso e engrandecimento.

A par dos benefícios que abrange a assistência social do povo trabalhador, que moureja em árduas circunstâncias, na labuta da lavoura, tem a Casa do Povo de Esgueira, além disso, a missão de pugnar pelo seu bem estar material, fornecendo à agricultura os indispensáveis elementos para melhorar, de modo prático, eficiente e moderno, as suas condições de trabalho.

Êste jornal, que viveu sempre da sua independência e que soube alcantilar no alto das suas colunas o bem estar dos povos, não pode deixar de aplaudir esta Obra Social do Estado Novo.

P.

Idem, 4

Foi promovido a juiz de 1.ª classe e colocado na comarca de Braga o nosso ilustre conterrâneo sr. dr. Anselmo Taborda, que ao deixar a de Mafra, onde ministrava a Justiça, foi alvo duma manifestação de simpatia por parte dos habitantes daquela localidade.

E' com satisfação que registamos o facto, pois é sempre com desvanecimento que vemos elevar-se pelos seus méritos os filhos desta terra.

C.

Verdemilho, 4

Realizaram-se sábado à noite as eleições no nosso Club, que decorreram na maior harmonia.

Damos a seguir os nomes dos sócios que foram chamados para dirigir a colectividade no corrente ano:

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente, dr. Ernesto Paiva; *1.º secretário*, Belarmiro Martinho; *2.º*, Reinaldo Canha.

Substitutos

Manuel Maia do Miguel, João Maria Simões de Oliveira e Amadeu Catarino Pinho.

CONSELHO FISCAL

Presidente, Bernardo Pereira; *vogais*, João Neves e António Martins Rosa.

Substitutos

Manuel Nunes de Paiva, Joaquim Sarrico Deus e Manuel Inácio Correia.

DIRECÇÃO

Presidente, dr. António Lebre; *secretário*, José Madail; *tesoureiro*, António Bartolomeu Ramos; *vogais*, António Barroca, Armando Monteiro e Jorge da Silva.

Substitutos

João Simões Paixão, Manuel Estudante, Manuel Marques da Silva, Amilcar Neves, Manuel Deus e João da Cruz Vieira.

Ao dirigirmos saüdações ao *Verdemilho Club*, muito estimamos que o baile que ali se vai realizar, no próximo domingo, decorra com animação.

C.

Oliveirinha, 4

Tiveram fraco tempo as pastorinhas da Granja, que, no domingo, saíram com as suas ofertas, recolhendo à capela da localidade, onde foram leiloadas. Não renderam, por isso, o que era de esperar, devido à falta de concorrência. Ainda assim apurou-se razoável quantia.

—O grupo dramático Mocidade Invencível, da Granja, representa no próximo domingo cá na terra, sendo o espectáculo aguardado com bastante interêsse.

C.

Bustos, 4

A-pesar-do mau tempo deslocou-se a Giesta o *team* de honra do *F. C. Os Azues de Bustos* que ali venceram o grupo da terra por 2-1.

Os nossos rapazes jogaram bem e só a muita infelicidade dos dianteiros fez com que o resultado fosse deminuto.

J. Sérgio, quanto a nós, é o avançado que se encontra em melhor forma, mas deve perder o medo, Perdendo-o têm os guarda-rêdes adversários de se acautelarem.

—Vem aqui exibir-se, no domingo, o filme português *João Ratão*.

C.

Casa do Povo de Esgueira

AVISO

Avisam-se os sócios do antigo *Recreio Musical Esgueirense* que desejem inscrever-se como beneméritos desta alturista e útil instituïção de que essa inscrição se efectuará todos os dias, das 20 às 22 horas, na sede da mesma Casa do Povo, Rua José Falcão.

A cotização é de 2$00 mensais, sem outra qualquer contribuïção.

Esgueira, 3 de Fevereiro de 1943.

O Presidente da Direcção,

Francisco Marques Pitarma